

Samuel de Paula Abad



**A FOTOGRAFIA NOS ÂMBITOS DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E
INCLUSÃO SOCIAL E EDUCACIONAL**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Samuel de Paula Abad

**A FOTOGRAFIA NOS ÂMBITOS DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E
INCLUSÃO SOCIAL E EDUCACIONAL**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Conceição Linda de França

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Abad, Samuel de Paula, 1982

A Fotografia Nos Âmbitos da Educação Não-formal e Inclusão Social e Educacional: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Samuel de Paula Abad – 2015.
64 f.

Orientadora: Conceição Linda de França

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes Visuais – Estudo e Ensino I. França, Conceição Linda de II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes III. A Fotografia Nos Âmbitos da Educação Não-formal e Inclusão Social e Educacional.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Belas Artes

Programa de Pós-Graduação em Artes

Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada “*A Fotografia nos Âmbitos da Educação Não-formal e Inclusão Social e Educacional*”, de autoria de Samuel de Paula Abad, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Professora Orientadora Conceição Linda de França – EBA/UFMG

Professora Kleumanery Melo – EBA/UFMG

Professor Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV | PPGA – EBA/UFMG

Belo Horizonte

2015

Av. Antônio Carlos, nº 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP: 31270-901

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço às Forças Universais do Bem (sem correlação alguma com religiões). E com muito amor, carinho e gratidão, dedico e também agradeço aos meus familiares (ao meu pai Aldezir Santilo Abad, a minha mãe Elza Aparecida de Paula Abad e ao meu irmão gêmeo, Saulo de Paula Abad), a minha companheira/ex-namorada, Bianca Caroline Candido e a todos os meus companheiros e companheiras da presente pós-graduação.

Toda a minha admiração, gratidão e respeito aos(às) assentados(as) e acampados(as) do Assentamento Mário Lago, mais precisamente os(as) guerreiros(as) de luta da base do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) – apesar de algumas discordâncias de ideais sociais e políticos que possuo com parte dos líderes do referido Movimento.

Todo o meu agradecimento e gratidão às tutoras Raphaela da Silva Ramos Fernandes e Moisa Aparecida da Silva, aos tutores Luiz Carlos e Gladston da Costa Almeida, a todos(as) os(as) professores(as), aos membros da direção e secretaria acadêmica da EBA/UFMG que com competência, dedicação, paciência e carinho, agregaram consideravelmente em minha caminhada.

Muito obrigado mesmo a todos e todas, de coração.

A Infinita

*Vês estas mãos? Mediram
a terra, separaram
os minerais e os cereais,
fizeram a paz e a guerra,
derrubaram as distâncias
de todos os mares e rios
e, no entanto,
quando te percorrem
a ti, pequena,
grão de trigo, calhandra,
não conseguem abarcar-te,
fatigam-se ao agarrar
as pombas gêmeas
que repousam ou voam no teu peito,
percorrem as distâncias das tuas pernas,
enrolam-se na luz da tua cintura.
Para mim tu és tesouro mais rico
de imensidade do que o mar e seus
cachos
e és branca e azul e extensa como
a terra nas vindimas.
Nesse território,
desde os pés à frente,
andando, andando, andando,
passarei a vida.*

Pablo Neruda, em "Os Versos do Capitão"

RESUMO

O presente estudo diz respeito à fotografia, educação não-formal e inclusão social e educacional. Diante deste contexto, além da demonstração de atividades relacionadas e realizadas no Sesc (Serviço Social do Comércio) São Paulo, também foi realizado um projeto voluntário de ensaio fotográfico e oficinas de ensino e prática fotográfica no Assentamento Mário Lago, mais precisamente com assentados(as) e acampados(as) do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)¹.

Durante o transcorrer deste estudo diversos temas relevantes são demonstrados, tais como o importante papel da educação não-formal na inclusão social e educacional, o Sesc SP e a prática da educação não-formal, bem como a realização de um projeto fotográfico voluntário com pessoas do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), sendo que os resultados decorrentes destes cenários e temas serão demonstrados, além de ações visando melhorias e evolução contínua também serão realizadas.

Palavras-chave: Fotografia, Educação Não-formal, Inclusão Social e Educacional, Sesc São Paulo, MST, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

¹ Para mais informações sobre o Assentamento Mário Lago (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)) basta acessar o seguinte *link* de um documentário: https://www.youtube.com/watch?v=rLHkve2Em_A

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. João Daudt d'Oliveira, primeiro presidente do Conselho Nacional do Comércio	22
Figura 2. Evolução da marca Sesc, de 1946 a 2012	23
Figura 3. Fotografia mais antiga a ser preservada, capturada em 1826	26
Figura 4. Daguerreótipo	27
Figura 5. Fotografia de Edgar Allan Poe capturada por um daguerreótipo	27
Figura 6. Logotipo da empresa Kodak	28
Figura 7. Bandeira do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)	34
Figura 8. Fotografia tirada por Jeremias, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).....	42
Figura 9. Fotografia tirada por Fernando Silva, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).....	42
Figura 10. Fotografia tirada por Wellington Fernandes, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).....	43
Figura 11. Fotografia tirada por Lucas Garcia, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).....	43
Figura 12. Fotografia tirada por Daiane Campos, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).....	43
Figura 13. Fotografia tirada por Daiane Campos, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).....	44
Figura 14. Fotografia tirada por "Paraguai", participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).....	44
Figura 15. Fotografia tirada por Leandro, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).....	44
Figura 16. Fotografia tirada por Ciril "Pássaro", participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).....	45
Figura 17. Fotografia tirada por Wellington Fernandes, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).....	45
Figura 18. Fotografia tirada por Desj Zanatta, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).....	45

Figura 19. Fotografia tirada por Jeremias, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST)	46
Figura 20. Fotografia tirada por Lucas Rosa, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST)	46
Figura 21. Fotografia tirada por Sr. João, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST)	46
Figura 22. Fotografia tirada por Tatiane Costa, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).....	47
Figura 23. Fotografia tirada por Pedro Cunha, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST)	47
Figura 24. Fotografia tirada por Paolla Lima, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST)	47
Figura 25. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST)	57
Figura 26. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST)	57
Figura 27. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST)	58
Figura 28. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST)	58
Figura 29. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST)	59
Figura 30. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST)	59
Figura 31. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST)	60
Figura 32. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST)	60
Figura 33. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST)	61
Figura 34. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST)	61

Figura 35. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST) 62

Figura 36. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST) 62

SUMÁRIO

Introdução	13
1. Definição de Educação Não-formal	15
1.1 O Surgimento da Educação Não-formal	16
1.2 Referencial Teórico e Revisão Bibliográfica Quanto ao Estudo da Educação Não-formal e Inclusão Social e Educacional	19
1.3 Histórico da Instituição Sesc (Serviço Social do Comércio) São Paulo	21
2. A Fotografia nos Âmbitos da Educação Não-formal e Inclusão Social e Educacional	25
2.1 Breve Histórico da Fotografia	25
2.2 Fotografia, Educação Não-formal e Inclusão Social e Educacional	29
2.3 A Prática da Educação Não-formal no Sesc (Serviço Social do Comércio) São Paulo	30
2.4 Informações Preliminares Quanto à Prática Oriunda dos Cursos e Oficinas (E Demais Atividades) Fotográficas Oferecidos pelo Sesc São Paulo Prezando pela Educação Não-formal e Inclusão Social e Educacional	33
3. Projeto Voluntário de Ensaio Fotográfico e Oficinas de Ensino e Prática Fotográfica no Assentamento Mário Lago (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra MST)	36
3.1 Formações e Experiências do Autor do Presente Estudo em Fotografia e Educação Não-formal e o Projeto Fotográfico no Assentamento Mário Lago (MST)	36
3.2 Considerações e Sugestões ao Sesc São Paulo Quanto à Educação Não-formal e Inclusão Social e Educacional	37
3.3 Análises, Metodologia e Resultados Alcançados Referentes ao Projeto Voluntário de Ensaio Fotográfico e Oficinas de Ensino e Prática Fotográfica no Assentamento Mário Lago (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra MST)	38
Considerações Finais	51

REFERÊNCIAS 53

ANEXOS 57

Introdução

Para Freire (2005), o indivíduo é protagonista e sujeito da educação. Compreendendo, ainda, a educação enquanto prática necessariamente permanente, independente de posições políticas e ideológicas ou de certo interesse econômico momentâneo. A educação é permanente, por um lado, pela finitude do ser humano, e de outro, pela consciência que ele possui de sua finitude. “Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais” (Freire, 1997, p.20).

É importante ressaltar também que “os princípios ligados à educação inclusiva assumiram, como consequência da sua incorporação em diferentes documentos internacionais, proporções hegemônicas na educação” (Florian, 1998, pp.13-26).

Quanto à inclusão, trata-se de um movimento educacional, porém também social e político e tem por objetivo defender o direito de todas as pessoas participarem, sempre de forma consciente, ativamente na sociedade em que fazem parte e conseqüentemente, de serem aceitas e respeitadas, independentemente das diferenças existentes e que são naturais, diga-se de passagem. A inclusão no contexto educacional, vem também defender o direito de todos(as) os(as) alunos(as) desenvolverem e concretizarem as suas reais potencialidades, bem como de se apropriarem de competências que lhes permitam exercer o seu direito de cidadania, através de uma educação (se for pública, trará maiores benefícios e será mais agregadora) de qualidade, que foi concebida tendo em conta as suas reais necessidades, interesses e características/particularidades.

Segundo a Declaração de Salamanca, datada do ano de 1994:

[...]as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras, incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças em situações de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, pertencentes às minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos marginalizados. (Direito à Educação – Subsídios para Gestão dos Sistemas Educacionais – Edição Atualizada p.330).

Diante de tais contextos, o presente estudo irá demonstrar, colocar um

projeto fotográfico voluntário em prática e propor ações referentes ao papel da Fotografia nos Âmbitos da Educação Não-formal e Inclusão Social e Educacional. Para tanto, atividades relacionadas realizadas na instituição Sesc (Serviço Social do Comércio) São Paulo serão demonstradas, além de também ser realizado um projeto voluntário – sempre prezando, obviamente, pela educação não-formal e a inclusão social e educacional – de ensaio fotográfico e oficinas de ensino e prática fotográfica no Assentamento Mário Lago, mais precisamente com assentados(as) e acampados(as) do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

Segundo o diretor do Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc SP), Danilo Santos de Miranda, em uma entrevista concedida à Revista do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP², o aprendizado é adquirido permanentemente: “Lidamos com a educação em todos os momentos de nossas vidas”. Miranda faz questão de enfatizar o caráter educacional da instituição em que atua há décadas, que tem como ferramentas de ensino o esporte, a cultura, a arte, a educação, dentre demais questões.

Quanto ao Assentamento Mário Lago, mais precisamente referente ao MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), na madrugada de 02 de agosto de 2003, o MST e um grande grupo de amigos e amigas da Reforma Agrária ocuparam uma área na cidade de Ribeirão Preto/SP. Desta forma, nasceu a comunidade Mário Lago e no ano de 2007, o Assentamento PDS da Barra foi conquistado. O Assentamento é um contraponto ao agronegócio, que na região de Ribeirão Preto é marcado por contradições ambientais, sociais e trabalhistas, causadas em grande parte pela monocultura da cana-de-açúcar.

Na área conquistada, ainda existem muitos desafios, porém a produção agroecológica, a intransigente defesa ambiental, a persistente organização e apoio cada vez maior da comunidade e o compromisso com a luta, ajudam a apontar o caminho.

Em suma, como diria Freire (2005), educando e educando-se uns com os outros para a liberdade, este estudo abordará as questões anteriormente citadas, tendo sempre como premissa o ensino e prática da Fotografia e suas relações com a Educação Não-formal e a Inclusão Social e Educacional.

² Para mais informações acerca da citada entrevista, basta acessar o seguinte *link*: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43481/47103>

1. Definição de Educação Não-formal

A educação não-formal está diretamente relacionada aos processos educacionais organizados fora das concepções e predefinições do sistema regular de ensino, portanto não preza por seguir estritamente determinada metodologia predefinida e baseada em normas e diretrizes disponibilizadas pelos órgãos estaduais e federais que regulam a nomeada educação formal. No âmbito da educação não-formal, o conteúdo e a metodologia são definidos de acordo com as necessidades, contexto e realidade das pessoas envolvidas no processo educacional.

Segundo a autora Maria da Glória Gohn (2006, pp.27-38):

A educação não-formal é aquela que ocorre no mundo, através da interação com o cotidiano, nos momentos em que interagimos com as pessoas e o mundo que nos cercam, sendo que neste modelo o aprendizado se dá através de ações coletivas e cotidianas, pois tem como objetivo preparar o ser humano para a civilidade.

A educação deve ser promotora de mecanismos de inclusão social, tal inclusão deve ser pensada como mecanismo que promove o acesso ao direito de cidadania, como o respeito ao próximo, a civilidade e a tolerância.

As atividades educacionais na educação não-formal apesar de terem objetivos claros e muito bem definidos, caracterizam-se pela organização e estruturação com alta flexibilidade, oferecendo desta forma um caráter complementar à educação formal (este fato possui bastante relevância, haja vista que a educação não-formal pode (e deve) ser vista como uma ação complementar à educação formal, e não no sentido de confrontação, única e exclusivamente). Ressalta-se que a educação não-formal pode ser oferecida tanto por instituições voltadas ao ensino formal quanto por pessoas e organizações sociais e/ou oriundas e organizadas pela sociedade civil. Apenas um importante adendo se faz necessário neste trecho: Rousseau afirma que “o primeiro homem que, tendo cercado um pedaço de terra, (...) dizendo ‘isto é meu’ e encontrando pessoas simples o bastante para acreditar nele, foi o fundador real da sociedade civil” (Rousseau *apud* Colás, 2002, p.32).

A educação não-formal caracteriza-se por enfatizar a prática (possuindo forte relação com o contexto local dos participantes), ter alta flexibilidade, possuir o

foco principal nas pessoas aprendizes e também possuir forte influência dos participantes na definição do conteúdo a ser abordado e aprofundado.

Cabe salientar que o surgimento da educação não-formal não possui como objetivo ocupar o espaço ou realizar a substituição do papel da educação formal e da informal, porém sim dividir e partilhar constantemente diferentes fazeres e conhecimentos. Diante dos citados contextos, a educação não-formal possui fundamental importância na prática educativa e também na inclusão social.

1.1 O Surgimento da Educação Não-formal

Quanto à educação não-formal no mundo, conforme o autor Alan Rogers (2004, p.71), “propõe-nos uma revisão cronológica bibliográfica dos contributos mais significativos para o debate sobre a educação não-formal, cuja primeira entrada se situa realmente na década de 50 (Pinto, 2007)”.

Porém, a educação não-formal foi oficializada apenas em 1967, durante a Conferência Sobre a Crise Mundial da Educação, a qual o objetivo central era solucionar os problemas da educação formal em uma sociedade cada vez mais desenvolvida.

Segundo Jaume Trilla (1996, p.32):

O termo educação não-formal começa a aparecer relacionado ao campo pedagógico concomitantemente à uma série de críticas ao sistema formalizado de ensino, em um momento histórico compreendido como crise do sistema escolar, em que este começa a ser percebido (não só pelo campo pedagógico, como também por diferentes setores da sociedade mais ampla como serviços sociais, a área da saúde e outros) como impossibilitado de responder à todas as demandas sociais que lhe são impostas, delegadas e desejadas.

O cenário da educação não-formal no mundo ocorreu por via da existência de distintas práticas mediadas por relações educacionais, porém que não eram consideradas como educação pelo fato de não obedecerem/seguirem estritamente a uma série de requisitos e predefinições nomeadas formais, mas que na prática estavam construindo diferentes modos de vivências e conseqüentemente, a uma maior compreensão quanto ao processo de ensino-aprendizagem.

Os cinco parágrafos a seguir foram desenvolvidos pelo autor do presente estudo com base no estudo intitulado Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas, de autoria de Maria da Glória Gohn.

Dentre os fatores relevantes para o surgimento e o desenvolvimento da educação não-formal no mundo, estão tanto as mudanças ocorridas na estrutura familiar burguesa quanto às mudanças resultantes das relações próprias de trabalho. Em relação às relações próprias de trabalho, destacam-se as que demonstraram como a família e a escola – instituições essas responsáveis pela educação dita formal e constituídas e aceitas pela sociedade – realizavam o seu papel de maneira insegura e até insatisfatória. Diante deste cenário, percebeu-se que somente os modelos de educação formal disseminados pela família e pela escola já não eram suficientes diante da realidade social e educacional, sendo que ainda não havia o amadurecimento, o conhecimento e a credibilidade das propostas até então criadas por tais instituições para que ocorresse o preenchimento da lacuna existente entre as ações das instituições constituídas e “sacralizadas” e as novas necessidades sociais e educacionais da sociedade em si.

Tanto no contexto do trabalho como na vida urbana, as modificações nas relações próprias de trabalho foram alterando a maneira tradicional/habitual a qual a sociedade moderna burguesa passou a realizar a estruturação e organização da vida social e trouxe consigo, a necessidade de tal sociedade se reorganizar e se readaptar às novas mudanças, inclusive no âmbito educacional. Em relação à educação para crianças, adolescentes e jovens, foi necessária a criação de demais opções, haja vista que a família e a escola já não eram capazes de suprir sozinhas as necessidades de cuidado, formação e socialização. Todas essas demandas expandidas recaíram no setor educacional (sendo que anteriormente também eram de responsabilidade de tal setor), ou seja, a diferença está no fato de terem se modificado ou estarem se modificando às instâncias responsáveis pela educação no mundo contemporâneo, sendo que essa função social não mais se restringia única e exclusivamente à família e à escola, conforme citado anteriormente.

Outra questão que teve interferência direta no surgimento, desenvolvimento e crescimento do campo da educação não-formal no mundo foi a necessidade e exigências das indústrias e do mercado profissional, que nem sempre encontravam

profissionais com as devidas habilitações para suprir a demanda existente, sendo que a dificuldade para se encontrar tais profissionais se deu não apenas no sentido destes possuírem certificações esperadas e desejadas, porém na distância percebida entre a formação oferecida pela educação formal e a grande velocidade a qual ocorriam (e ainda ocorrem no cenário atual) as mudanças, evoluções, exigências e atualizações em tal mercado profissional.

É importante ressaltar que a educação não-formal apesar de apontar e oferecer demais e distintas possibilidades em relação à educação formal, prezando pela não burocratização, por bem menor hierarquização, maior agilidade e algumas propostas mais econômicas, não toma para si a salvação do sistema formal de ensino, muito pelo contrário, vem somar forças e não tomar o papel que cabe legitimamente à educação formal. Ressalta-se também que a educação não-formal, na realidade, caracteriza-se por uma outra maneira de organização e percepção da relação entre ensino-aprendizagem, entre educador e educando e a conseqüente produção, difusão e troca contínua de conhecimento no processo educacional. Uma de tais características trata-se da importância e relevância das ações práticas e dos saberes e fazeres do dia a dia, do cotidiano, da vida em si.

Ressalta-se que a educação não-formal não está caracterizada como sendo de primeira ou segunda linha e sim, independente do contexto ao qual ocorre o processo educacional, é primordial que ela ocorra com a devida qualidade. É importante pontuar que no caso de um Estado que ignore/subverta de maneira abusiva e ilegal/inconstitucional as relações sociais, privilegiando única e exclusivamente o aspecto econômico e a classe burguesa, utilizando-se para tanto de diversos discursos e ações inconstitucionais para se manter no poder, não há tanta diferença em qual lugar está localizada a educação dita de segunda linha, pois ela sempre estará a serviço deste poder e sempre será direcionada às camadas mais carentes/pobres da população, o que é realmente vergonhoso e lamentável. Ressalta-se que tal cenário, infelizmente, ainda é corriqueiro em diversas regiões do Brasil, apesar de alguns avanços conquistados nos últimos anos, com resultados consideravelmente positivos e que devem ser contínuos e evolutivos.

Complementando com datas relevantes quanto à educação não-formal no mundo, em 1996 a UNESCO salienta a aprendizagem ao longo da vida como um

processo alargado a diversos contextos da vida do indivíduo. No ano 2000, a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa reconhece a educação não-formal como uma prática educativa.

Em 2004 a Comissão Europeia reconhece que “a identificação e validação da aprendizagem não-formal e informal têm lugar dentro e fora do ensino e formação formais, no local de trabalho e na sociedade civil (Pinto, 2005)”.

Demonstradas tais informações da educação não-formal no mundo, é importante ressaltar que a educação durante considerável tempo foi confundida e contextualizada com escola, sendo que ambas as palavras foram, por diversas vezes, compreendidas e utilizadas como sinônimos. Atualmente, porém, tal compreensão vem se modificando e evoluindo, sendo que este cenário pode ser ilustrado pelo número de adjetivos que vêm sendo colocados junto à palavra e ao contexto educacional, tais como: educação para a saúde, para o trânsito, social, ambiental, dentre demais adjetivos.

1.2 Referencial Teórico e Revisão Bibliográfica Quanto ao Estudo da Educação Não-formal e Inclusão Social e Educacional

Como referencial teórico e bibliográfico, uma das autoras que será consultada no presente estudo será Maria da Glória Gohn, sendo que mais precisamente em seu estudo intitulado Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas, a citada autora apresenta um panorama sobre a educação não-formal, o seu conseqüente papel no processo educativo e a participação mais efetiva da sociedade civil em tal contexto.

Quanto à premissa da referida autora de que a educação não-formal é uma área de conhecimento ainda em construção, tal contexto é relevante, sendo que realmente a educação não-formal possui gigantescas possibilidades de crescimento, amadurecimento, maior entendimento, revisão e evolução contínua. As possibilidades para o cenário prático da educação não-formal em instituições de ensino variadas e a efetiva participação da sociedade civil neste cenário são enormes, sendo que é imprescindível tal participação por parte da sociedade civil.

O estudo de Maria da Glória Gohn traz a perspectiva de abordagem da educação não-formal como promotora e incentivadora de mecanismos de inclusão social e educacional. Vale ressaltar o fato de que entende-se por inclusão, as formas/meios que promovem o acesso aos mais diversos direitos relacionados à cidadania, direitos esses que visam resgatar ideais muitas vezes “esquecidos” pelo ser humano, tais como o de civilidade, tolerância, coletividade, o ser humano como fator principal/central (e não o lucro desenfreado e o poder) e o consequente respeito ao próximo.

Portanto, a educação não-formal possui extrema importância nas lutas do campo educacional visando à transformação, alteração e evolução da realidade sócio-política e obviamente, educacional. Ou seja, a educação não-formal possui, dentre outras possibilidades, a oportunidade de transformar escolas em centros de referência civilizatória e consequentemente, colaborar de maneira decisiva na inclusão social e educacional, sendo que a participação da sociedade civil neste processo/contexto também é primordial e ressalta-se também que a união/articulação da educação formal com a não-formal é vital para viabilizar mudanças significativas na educação e na sociedade em si.

Outra autora que também será consultada no transcorrer desta monografia será Judivânia Maria Nunes Rodrigues. Em seu artigo Retratar-se-retratando: fotografia, arte-educação e processos de trans(formação), a autora em questão aborda que a fotografia enquanto instrumento pedagógico e artístico tem conquistado espaço na educação não-formal por meio de projetos sociais desenvolvidos em comunidades. Tal artigo remete a sua pesquisa de Mestrado intitulada Retratar-se-retratando: Estudo de Caso de Arte-Educadores na Prática Fotográfica.

Conforme relatado anteriormente e destacando e ilustrando mais profundamente tal questão, a autora Judivânia Maria ressalta o ponto ao qual a fotografia pode ser considerada um instrumento pedagógico que tem conquistado espaço na educação não-formal por meio de projetos sociais desenvolvidos em comunidades. Há alguns exemplos disso e pode-se citar o projeto Foto Clube Alemão, que possui como missão disseminar e fomentar a cultura de fotografia

dentro do Complexo do Alemão através de saídas fotográficas, palestras, oficinas e exposições fotográficas³.

Há discordâncias da autora no que tange que a fotografia trata-se de um instrumento artístico, haja vista que a fotografia pode ser vista não como arte e fotógrafos como não sendo artistas. A fotografia pode ser vista e entendida como um meio para se demonstrar o cotidiano, tanto os pontos positivos quanto os pontos negativos, ou seja, como algo que tem a possibilidade de denunciar e demonstrar pontos aos quais o ser humano pode (e deve) refletir e se for o caso, evoluir e alterar o cenário. Um exemplo que vai a este encontro com tais questões citadas, trata-se do trabalho do fotógrafo James Nachtwey⁴, um grande fotógrafo humanista⁵.

Dentre demais autores e autoras, referenciais teóricos e referências bibliográficas que poderão ser devidamente consultados(as) no presente estudo, constam Paulo Freire e Jaume Trilla.

1.3 Histórico da Instituição Sesc (Serviço Social do Comércio) São Paulo

A seguir será demonstrado o histórico da instituição Sesc (Serviço Social do Comércio) São Paulo de acordo com uma pesquisa realizada em dois sites⁶ de tal instituição e focado de acordo com os objetivos do presente estudo.

Em 13 de setembro de 1946 ocorreu a fundação do Sesc, sendo que a criação da instituição foi descrita pela primeira vez na Carta da Paz Social, documento esse redigido e produzido por empresários como o gaúcho João Daudt d'Oliveira, o primeiro presidente do Conselho Nacional do Comércio.

³ Para mais informações acerca do projeto Foto Clube Alemão basta clicar no seguinte *link*: <http://migre.me/qjBAA>

⁴ Para mais informações quanto ao trabalho do fotógrafo James Nachtwey basta visitar o seu site: <http://www.jamesnachtwey.com/>

⁵ Segundo palavras do citado fotógrafo humanista James Nachtwey: "Eu tenho sido uma testemunha e essas imagens são meu testemunho. Os eventos que fotografei não podem ser esquecidos e não devem ser repetidos".

⁶ Os sites da instituição Sesc (Serviço Social do Comércio) pesquisados são os seguintes: http://www.sesc.com.br/portal/sesc/o_sesc/nossa_historia/ e <http://www.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/quem-somos/>



Figura 1. João Daudt d'Oliveira, primeiro presidente do Conselho Nacional do Comércio.
Fonte: Site Sesc São Paulo, 2015.

Na data de 03 de outubro, também de 1946, surgiu na cidade do Rio de Janeiro a primeira unidade do Sesc, mais precisamente no bairro Engenho de Dentro. Na referida unidade foram prestados serviços de combate à tuberculose e assistência à maternidade e infância, auxiliando, desta forma, na diminuição dos índices de mortalidade.

Em 1951 houve uma maior abertura do Sesc para a sociedade e a sua consequente ampliação de atuação, sendo que tal cenário foi impulsionado pelo contexto político e social da década de 50. Houve início das primeiras atividades culturais e a modernização dos serviços sociais prestados, sempre prezando pela infraestrutura baseada na educação, cultura, recreação e saúde e com a abertura dos primeiros centros de atividades da instituição.

Em 1973, o Sesc reforça a sua atuação nas atividades de educação e saúde, mais precisamente em nutrição (visando o combate à desnutrição infantil) e odontologia, principalmente em cidades interioranas.

Na década de 80, mais precisamente em 1982, a cultura passa a ter maior destaque no Sesc, pois ocorre a mudança social e política do país, com o fim da terrível ditadura militar. Diante disso, o Sesc investe cada vez mais em ações culturais e surgem projetos relacionados ao Teatro, Cinema, Artes Plásticas,

Literatura e Música.

Nos anos 2000, mais precisamente em 2005, o Sesc inicia mais um projeto de educação não-formal denominado BiblioSesc, composto por unidades móveis que carregam consigo cerca de três mil livros aos mais diversos cantos do Brasil para empréstimos gratuitos a toda a população.

Em fevereiro de 2008 o Sesc abre as portas de sua Escola de Ensino Médio para uma turma de jovens e moradores oriundos de diferentes estados do país. Eram adolescentes com idades entre treze e dezesseis anos que fizeram parte de uma experiência considerada inovadora pela própria instituição no cenário da educação no Brasil, ou seja, ensino médio em tempo integral realizado em escola-residência.

Em 13 de setembro de 2012, ao comemorar sessenta e seis anos, o Sesc adotou a transformação como tema, sempre respeitando os princípios de acolhimento e ação propositiva e diante deste contexto, houve a reformulação e evolução da marca Sesc, conforme demonstrado na figura a seguir.



Figura 2. Evolução da marca Sesc, de 1946 a 2012.

Fonte: Site Guaraná Notícias, 2015.

O objetivo e ações do Sesc (Serviço Social do Comércio) são oriundos de um projeto cultural, educacional e social que procuram trazer consigo – desde a sua criação em 1946 – o gene da inovação, sempre primando pela transformação social e alteração do *status quo*. Ao longo do tempo, o Sesc realizou a introdução de novos modelos de ação cultural e social e ressaltou, ainda na década de 1980, a educação como pressuposto para a autonomia e a transformação social. É importante enfatizar que a concretização de tal objetivo e ações se deu por uma grande atuação no

campo cultural e em suas mais diversas manifestações, destinadas aos mais diversos públicos, em diversas faixas etárias e nas rotuladas e estigmatizadas camadas sociais.

Atualmente, no Estado de São Paulo, o Sesc conta com uma rede de trinta e seis unidades, sendo que tal rede é constituída em sua maioria por centros culturais e desportivos. Importante destacar que o Sesc SP oferece também atividades de programas de saúde, turismo social, de educação socioambiental, educação não-formal, educação formal, programas especiais para crianças e terceira idade/idosos, além do Mesa Brasil Sesc São Paulo, de combate à fome e ao desperdício de alimentos; e Internet Livre, de inclusão digital.

Desta forma, o Sesc SP desenvolve ações de educação formal e também não-formal e permanente, sempre tendo como objetivo a valorização das pessoas ao estimular a autonomia, a interação e o contato com expressões e os modos mais diversos de pensar, refletir, questionar, prezar pelo senso crítico, agir, ser e sentir.

2. A Fotografia nos Âmbitos da Educação Não-formal e Inclusão Social e Educacional

2.1 Breve Histórico da Fotografia

Existem diversas versões ao que diz respeito ao desenvolvimento da técnica da fotografia, sendo que muitos estudiosos apontam Louis Daguerre como o pai da fotografia, enquanto outros afirmam que na realidade quem é o inventor da fotografia trata-se de Joseph Nicephore Niepce. Ressalta-se que as informações relatadas a seguir possuem como fonte primária a *National Geographic*, uma renomada revista mundial especializada em fotografia e também o site de tecnologia, TecMundo, além de demais fontes, devidamente citadas no transcrito do texto.

Em 1793, Joseph Nicephore Niepce foi uma das primeiras pessoas a conseguir realizar a impressão de luz em determinada superfície sem utilizar para tanto qualquer tipo de tinta, porém as imagens oriundas dessa impressão de luz desapareciam após um espaço bem curto de tempo. Joseph utilizava uma câmara obscura – bastante parecida com a que temos ainda atualmente, conhecida como pinhole – e um tipo especial de papel contendo cloreto de prata. A câmara escura consistia também num instrumento científico, de acordo com Azevedo et al. (2009, p.22):

Durante a Renascença, artistas deslocaram o uso desses aparelhos do domínio da ciência para o da arte, acrescentaram lentes aos orifícios a fim de melhorar a imagem, espelhos a fim de desfazer a sua inversão e assim transformaram as câmaras escuras em aparelhos portáteis, muito usados para auxiliar a execução de desenhos e pinturas.

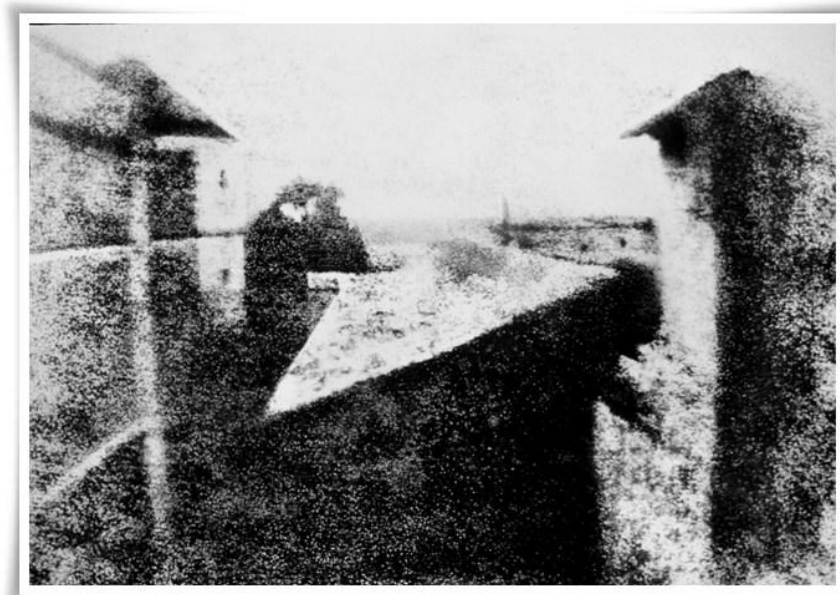


Figura 3. Fotografia mais antiga a ser preservada, capturada em 1826.
Fonte: Site TecMundo, 2015.

Em 1824, Joseph Nicéphore conseguiu desenvolver um método ao qual permitia maior duração das imagens, sendo que em 1826 foi registrada a primeira fotografia de duração indefinida (figura demonstrada acima), que existe até os dias atuais. Percebe-se, no entanto, que a qualidade ainda era de baixíssima qualidade e, além disso, o processo todo de captura era oriundo de diversas horas de trabalho.

Em 1834, Henry Fox Talbot desenvolveu uma versão bem primitiva do que posteriormente viria a ser o negativo fotográfico, que auxiliaria de maneira decisiva na popularização da fotografia, ponto de bastante relevância na história da fotografia. Porém, foi apenas em 1849 que Louis Daguerre trouxe a fotografia, que até então era totalmente experimental e bem complexa, a um novo patamar, que será relatado a seguir.

Daguerre tinha como objetivo levar a fotografia ao alcance para muito mais pessoas e começou a estudar os métodos de Niepce para criar um mecanismo ao qual até os leigos pudessem ter acesso à fotografia em seus lares, visando assim capturar os mais diversos momentos e situações. Após o falecimento de Niepce em 1833, Daguerre continuou aperfeiçoando as pesquisas sobre o processo de heliografia e conseguiu desenvolver uma revelação com alta definição de imagem. Por considerar o seu método diferente da heliografia, nomeou de daguerreótipo sua descoberta.

Um daguerreótipo consiste em uma placa de cobre extremamente polida, sobre cuja superfície a imagem é produzida pela formação de um amálgama de prata e mercúrio, resultando em uma imagem de alta definição, porém extremamente frágil, pois não há no processo uma substância ligante que faça a adesão do amálgama à placa de cobre (Azevedo et al., 2009, p.23).



Figura 4. Daguerreótipo.
Fonte: Site TecMundo, 2015.

Uma das mais famosas fotografias capturadas por um daguerreótipo certamente é a de Edgar Allan Poe – demonstrada a seguir – que segue preservada até os dias atuais.

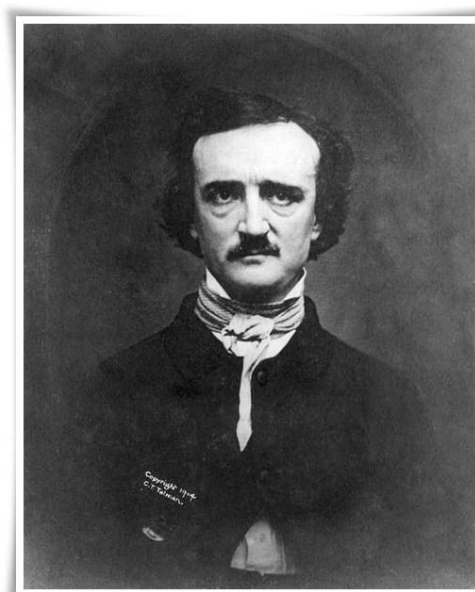


Figura 5. Fotografia de Edgar Allan Poe capturada por um daguerreótipo.
Fonte: Site TecMundo, 2015.

Aos vinte e quatro anos, mais precisamente em 1880, George Eastman criou uma empresa de criação de chapas secas, que posteriormente viria a ser chamada de Eastman Kodak Company. No decorrer de poucos anos, tal empresa conseguiu lançar a sua primeira câmera fotográfica, que vinha conjuntamente com um rolo de vinte metros, permitindo desta forma a captura de até cem imagens circulares de 2,5 polegadas.

A criação da Kodak, certamente, pode ser considerada como uma das maiores revoluções no mundo fotográfico, pois barateou consideravelmente o custo e conseqüentemente, popularizou câmeras, rolos de filme e revelações.



Figura 6. Logotipo da empresa Kodak.
Fonte: Site TecMundo, 2015.

Depois da criação dos filmes coloridos, poucas mudanças foram tão significativas para o mundo da fotografia do que o surgimento dos processos digitais. Tal evolução trouxe algumas vantagens, dentre elas a não dependência da quantidade de poses (número de fotografias) de determinado filme fotográfico, ter a possibilidade de impressão das fotografias com custo bem mais reduzido e também a possibilidade de visualizar as imagens antes mesmo que ocorram as revelações.

Apesar de diversas mudanças e evoluções, o princípio básico da fotografia permanece inalterado e provavelmente não será modificado tão cedo, ou seja, a utilização da luz – passando por uma lente/objetiva e sendo absorvida por determinada superfície (cromos, papéis, filtros e sensores, dentre demais superfícies) – para realizar a captura do que se vê ao redor.

2.2 Fotografia, Educação Não-formal e Inclusão Social e Educacional

A fotografia possui um importante papel enquanto instrumento pedagógico, de inclusão social e educacional e vem, cada vez mais, conquistando espaço na educação não-formal. Podemos dizer que estamos em constante aprendizado, inseridos de alguma forma em práticas educativas. Freire (1997, p.21) salienta que:

(...) não é possível ser gente sem, desta ou daquela forma, se achar entranhado numa certa prática educativa. E entranhado não é em termos provisórios, mas em termos de vida inteira.

De acordo com as formações e experiências práticas do autor do presente estudo em fotografia e educação não-formal, a prática como processo de formação é de extrema importância no contexto da educação não-formal, assim como também o é na educação formal. Especificamente sobre a educação não-formal e a prática fotográfica, a possibilidade de transformação e inclusão social e educacional por meio do olhar é vislumbrada também através da questão de “dar voz”, pois a fotografia tem a possibilidade de demonstrar diversas e distintas formas de olhar, sentir e demonstrar a realidade a qual se vive e obviamente, se está inserido(a), permitindo assim que estereótipos sejam quebrados e que tal realidade seja, de fato, demonstrada de maneira nua e crua e se for o caso, alterada e o *status quo* devidamente transformado positivamente. A fotografia no âmbito da educação não-formal, trata-se de um meio bastante eficaz – bem como também poderia se tratar da pintura, da monotipia, da xilogravura, dentre demais exemplos – para se demonstrar a realidade do ambiente ao qual se está inserido(a). Ocorrendo a inclusão por meio da fotografia com pessoas que por muitas vezes têm os seus direitos de socialização e de educação desrespeitados e negligenciados pelo Estado, cada vez mais tais (e também demais pessoas) terão a possibilidade de retratar tal realidade a qual estão inseridas por meio da fotografia, demonstrando tanto os pontos positivos quanto os pontos negativos, que necessitam ser revistos pela sociedade e devidamente debatidos, alterados, repensados e evoluídos, tendo como objetivo final uma sociedade mais humana, justa, digna e igualitária.

“Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, torna possível a visualização de quem somos, de onde estamos e de como nos sentimos” (Barbosa, 2005, p.99). Em tal perspectiva, projetos de inclusão social e educacional

através da educação não-formal e fotografia propõem diferentes olhares que podem se transformar através da prática em reflexões e também ações propositivas, que prezam pela alteração real do *status quo* e que tais ações propositivas, sejam revolucionárias educacional e socialmente.

Em suma, é plenamente possível que a fotografia seja colocada em prática no âmbito da educação não-formal e diante deste contexto, que ocorra a inclusão social e educacional. No capítulo subsequente (Capítulo 3), tal prática será devidamente demonstrada e explicada, pois irá retratar um projeto voluntário de ensaio fotográfico e oficinas de ensino e prática fotográfica no Assentamento Mário Lago (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra | MST).

2.3 A Prática da Educação Não-formal no Sesc (Serviço Social do Comércio) São Paulo

O Sesc São Paulo coloca em prática, também, a educação não-formal, sendo que a instituição possui uma interessante experiência neste cenário. O diretor do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda, relata o seguinte em uma já citada entrevista concedida à Revista do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP⁷ quanto à evolução da educação não-formal dentro do Sesc SP:

Quando penso em educação, penso-a voltada para determinado objetivo. Não em uma educação que transfira informação, que crie pessoas hábeis para desenvolver certo tipo de técnica ou capazes de resolver certos problemas, apenas. Penso no sentido mais básico, mais fundamental, que é o de prepará-las para uma vida autônoma, adulta, em que sejam aptas a tomar decisões, a entender o mundo a sua volta, a ter uma visão da sociedade na qual estão inseridas. Isso é o mais importante.

Então, educação, para mim, tem a ver, sim, com escola, professor, aluno, sala de aula, em todos os níveis... Mas tem a ver também com a leitura da realidade do mundo a nossa volta. Estamos falando de educação num sentido muito mais profundo e completo, que é chamado de educação permanente, ou educação contínua ou não-formal. É aquela que começa quando o indivíduo vem ao mundo e só termina quando ele o deixa. Portanto, essa é a verdadeira questão educacional.

⁷ Para mais informações acerca da citada entrevista, basta acessar o seguinte *link*: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43481/47103>

Na origem de nossas instituições, que alguns insistem em chamar de ‘Sistema S’ (Sesc, Senac, Senai e Sesi)⁸ – e eu, particularmente, recuso um pouco essa denominação, porque, no momento que designamos de forma unificada, juntamos num mesmo conceito instituições absolutamente diferentes, com objetivos, culturas, modos de agir e perspectivas diversos –, elas não foram pensadas na perspectiva de hoje. Ou seja, não estavam totalmente voltadas à questão da ação sociocultural como um componente indispensável para o ser humano, como parte quase essencial da função social, para transformar quem chega em pessoas integradas num processo produtivo, em todos os sentidos, não apenas capitalista, mas de participação efetiva, na busca de um padrão de bem-estar para si mesmo e para os outros. Para mim, esse é o resultado final: o bem-estar social para todos como objetivo central. Mas não foi isso que nos mobilizou à época. Nos anos de 1940, tivemos intuições, talvez por parte de alguns grandes nomes. Quando conceberam isso, já havia uma expectativa de que o Estado assumisse essa obrigação, o famoso *Welfare State*, o Estado do Bem-Estar Social, mas não no Brasil. Aqui, a questão do pós-guerra era um momento muito especial. Havia um desejo de uma sociedade melhor, mais moderna, industrializada, saindo de um modelo bastante rural e atrasado, para um processo de industrialização e urbanização. E foi nessa hora que essas entidades surgiram, mas numa visão um pouco assistencialista mesmo, um pouco paternalista, diria. Os empresários bem resolvidos na vida, do ponto de vista econômico, social, político, educacional etc., resolveram destinar um pouco dos seus recursos, do resultado das suas operações – já que o Estado, na época, não teria condições de fazer isso –, para promover a sociedade e melhorar a vida das pessoas provenientes das camadas mais baixas, trabalhadores que vinham do mundo rural para o mundo urbano, para a indústria ou o comércio. E criaram essas entidades, inclusive para preparar mão de obra qualificada, como Senai e Senac, e também para o lado social, como Sesc e Sesi – as quatro originais. Essas entidades foram descobrindo, percebendo – por uma série de razões, como questões históricas, aprofundamento da discussão, evolução da própria sociedade, interesse dos dirigentes, necessidade de preparar uma comunidade técnica adequada –, o papel que teriam na construção de uma sociedade. E a base de sua ação passou a ser, não mais esse componente assistencialista de prover o que falta a quem necessita, mas de reconhecer direitos e desenvolver nas pessoas a possibilidade de acesso. Quando falamos em direito ao acesso, não estamos mais nos referindo ao assistencialismo, mas em criar oportunidades para que isso surja, para cumprir direitos e abrir oportunidades. Para quê? Para uma vida melhor, social e culturalmente mais desenvolvida.

Para corroborar a experiência prática do Sesc São Paulo em relação à educação não-formal, serão demonstradas algumas atividades relacionadas ao

⁸ Respectivamente, Serviço Social do Comércio, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Serviço Nacional da Aprendizagem Industrial e Serviço Nacional da Indústria.

Centro de Pesquisa e Formação de tal instituição, que promove rotineiramente cursos, atividades, bate-papos e troca de ideias também sobre este contexto.

Um dos temas abordados pelo Centro de Pesquisa do Sesc SP trata-se da Educação Não-formal como Acontecimento⁹, cujo programa – como o próprio nome sugere – consiste em procurar conhecer, entender e debater os motivos, as indagações e os porquês do campo da educação não-formal como acontecimento. Neste encontro promovido pelo Sesc SP, a autora Valéria Aroeira Garcia debateu com demais participantes sobre temas e reflexões fundamentais que fazem parte do campo da educação não-formal diante da realidade brasileira.

Outro tema abordado diz respeito à Educação Não-formal e Animação Sociocultural¹⁰, cujo programa está ligado a temas como tempo livre, lazer, ócio, educação não-formal, saberes comunitários e cotidianos, animação sociocultural, dentre demais temas. Baseado no programa do curso Educação Não-formal e Animação Sociocultural, a educação não-formal é um conceito em constante construção e evolução, que preza pelo constante diálogo quanto ao cenário de questões socioeducativas oriundas do universo cultural.

Outra atividade realizada pelo Sesc São Paulo que coloca em prática a educação não-formal é o Programa Curumim¹¹. Segundo a própria instituição Sesc SP, o Programa Curumim possui como objetivo central/primordial o desenvolvimento integral de crianças nas idades que compreendem dos sete aos doze anos por meio da proposição e realização de atividades educativas e também de lazer, prezando pela disseminação de atividades voltadas para o cotidiano de tais crianças, envolvendo diversas atividades, tais como físicas, esportivas, educacionais, artísticas, sociais e culturais. A atuação do Programa Curumim norteia-se em valores relacionados ao universo da ludicidade, o total direito ao conhecimento e à informação, o pleno domínio do meio, o necessário exercício pleno da cidadania e do pensamento crítico, além do desenvolvimento de conceitos importantes para o

⁹ Pesquisa realizada no site de Centro de Pesquisa e Formação do Sesc SP, mais precisamente no seguinte *link*: <https://centrodepesquisaformacao.sescsp.org.br/atividade/educacao-nao-formal-como-acontecimento>

¹⁰ Pesquisa realizada no site de Centro de Pesquisa e Formação do Sesc SP, mais precisamente no seguinte *link*: <https://centrodepesquisaformacao.sescsp.org.br/atividade/educacao-nao-formal-e-animacao-sociocultural>

¹¹ Curumim tem como significado Criança na língua Tupi-guarani.

ser humano, tais como a ética, o trabalho em grupo(s), a solidariedade e a autonomia.

Conforme citado anteriormente, o referido programa possui como objetivo central o desenvolvimento integral de crianças dos sete aos doze anos, “complementando e suprimindo vazios que as agências formais de educação, malgrado seu empenho, não logram preencher” (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1985, p.3).

O Sesc São Paulo também coloca em prática a Semana Inclusiva, sendo que em dezembro de 2015 foi realizada a sua terceira edição. Tal Semana coloca a inclusão social e educacional em prática, é dedicada a pessoas com e sem deficiências e traz consigo uma programação artística, esportiva, cultural, social e educativa, prezando pela educação não-formal.

Segundo informações disponibilizadas pelo Sesc São Paulo em sua revista mensal chamada **e** do mês de dezembro de 2015¹², a Semana Inclusiva conta com oficinas, espetáculos, atividades esportivas, culturais e educacionais, palestras e vivências para participação conjunta de pessoas portadoras ou não de deficiências. Realizada em diversas unidades do Sesc no estado de São Paulo, a programação de tal Semana busca criar condições e cenários para a inclusão em diversos aspectos – cultural, educacional, esportivo, social e cidadão.

2.4 Informações Preliminares Quanto à Prática Oriunda dos Cursos e Oficinas (E Demais Atividades) Fotográficas Oferecidos pelo Sesc São Paulo Prezando pela Educação Não-formal e Inclusão Social e Educacional

O autor do presente estudo teve a sua primeira experiência em educação não-formal no Sesc São Paulo (tal questão será melhor detalhada no capítulo subsequente), mais precisamente em cursos, oficinas, palestras, encontros e saídas e exposições fotográficas realizados em unidades do Sesc São Paulo, sempre como aluno e observador e decorrente deste cenário, considera que o Sesc SP coloca em

¹² Versão mobile da revista mensal **e** (do mês de dezembro 2015) disponível no seguinte *link*: http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/618_CIRCULACAO+DE+INFORMACOES+NA+INTERNET

prática a educação não-formal. Obviamente que no contexto de educação não-formal, as evoluções devem ser contínuas e ações de melhorias serão propostas em etapas posteriores do presente estudo.

Em decorrência destas experiências em educação não-formal no Sesc SP (e em demais situações e locais), o autor deste estudo colocou em prática um projeto voluntário de ensaio fotográfico e oficinas de ensino e prática fotográfica no Assentamento Mário Lago, localizado na cidade de Ribeirão Preto/SP – mais precisamente com assentados(as) e acampados(as) do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), haja vista que há demais Movimentos de luta pela terra em tal Assentamento, como o MLST | Movimento de Libertação dos Sem Terra (uma dissidência do MST), citando apenas um exemplo.



Figura 7. Bandeira do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).
Fonte: Site Terra de Direitos, 2015.

No capítulo subsequente, os relatos do autor deste estudo e aluno e observador no Sesc São Paulo e as ações do mencionado projeto voluntário de ensaio fotográfico e oficinas de ensino e prática fotográfica (tal projeto foi

desenvolvido tendo como parâmetros a educação não-formal e a consequente inclusão social e educacional, obviamente, no Assentamento Mário Lago e concomitantemente com o projeto Caravana da Luz, da ONG Estação Luz Ribeirão¹³) serão devidamente demonstrados.

¹³ Para mais informações quanto ao trabalho desenvolvido pela ONG Estação Luz Ribeirão, basta acessar o seguinte *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=EiidxvZMru4> para ter acesso ao documentário Oguata | Em busca da terra sem males. Ressalta-se que o autor do presente estudo é um dos idealizadores e diretores de tal documentário.

Sinopse Resumida: O documentário Oguata conta a história de comunidades localizadas em Ribeirão Preto/SP (Estação Luz Ribeirão e Creche Lar Irmã Izolina) e de pessoas que praticam os princípios e éticas da Permacultura. O documentário em questão demonstra parte da luta de pessoas para manter centros de desenvolvimento de tecnologias ambientais e sociais baseados na implantação dos princípios e éticas da Permacultura.

3. Projeto Voluntário de Ensaio Fotográfico e Oficinas de Ensino e Prática Fotográfica no Assentamento Mário Lago (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra | MST)

3.1 Formações e Experiências do Autor do Presente Estudo em Fotografia e Educação Não-formal e o Projeto Fotográfico no Assentamento Mário Lago (MST)

Conforme relatado previamente, o autor do presente estudo teve a sua primeira experiência em educação não-formal no Sesc São Paulo, primeiramente no Sesc Ribeirão Preto, em um curso livre e aberto de Fotojornalismo realizado no ano de 2012 e posteriormente em demais cursos, oficinas, palestras, exposições, encontros e bate-papos relacionados à fotografia e educação não-formal também no Sesc Ribeirão Preto e em demais unidades do Sesc São Paulo, como o Sesc Pompeia, o Sesc Consolação e o Sesc Vila Mariana. Seguidamente, teve contato com a fotografia e educação não-formal em demais situações, locais e instituições também a partir do ano de 2012 até os dias atuais, como a USP (Universidade de São Paulo) *Campus* Ribeirão Preto, a qual teve a oportunidade de participar dos cursos livres e abertos de Fotografia Básica e Avançada, Fotografia Estúdio e Fotografia Analógica, sendo que o referido autor possui acesso livre para uso e estudos junto ao laboratório fotográfico da citada USP, assim como todos(as) os(as) demais alunos(as) e ex-alunos(as) dos referidos cursos livres disponibilizados semestralmente para toda a comunidade, tanto de dentro da Universidade quanto de fora, o que acaba por prezar pela inclusão social e educacional, haja vista que até o ano de 2010, tais cursos de fotografia eram voltados única e exclusivamente à comunidade acadêmica da referida Universidade, fato esse que acabava limitando consideravelmente o acesso e segregando diversas pessoas de toda a comunidade a terem acesso ao contexto, conhecimento e técnicas fotográficas no âmbito da educação não-formal.

A partir das formações e experiências em fotografia e educação não-formal, foi desenvolvido pelo autor do presente estudo um projeto voluntário de ensaio fotográfico e oficinas de ensino e prática fotográfica – prezando sempre, obviamente, pela inclusão social e educacional – com assentados(as) e acampados(as) do

Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), no Assentamento Mário Lago (localizado na cidade de Ribeirão Preto/SP), ao final do ano de 2014 e início e meio do ano de 2015, mais precisamente nos meses de outubro e novembro de 2014 e fevereiro, março, maio e junho do ano de 2015. A documentação do cotidiano dos(as) assentados(as) e acampados(as) em tal Assentamento se deu por meio de fotografias documentais realizadas por integrantes do próprio MST e também pelo fotógrafo e autor do presente estudo (ensaio fotográfico demonstrado nos ANEXOS, mais precisamente a partir da página 57).

No subtópico 3.3 serão demonstradas análises, a metodologia utilizada, bem como os resultados alcançados no citado projeto fotográfico, realizado de maneira voluntária.

3.2 Considerações e Sugestões ao Sesc São Paulo Quanto à Educação Não-formal e Inclusão Social e Educacional

O Sesc São Paulo coloca em prática a educação não-formal em cursos, oficinas e exposições (dentre demais atividades) relacionados à fotografia oferecidos em suas unidades pelo estado de São Paulo; e conseqüentemente também ocorre a inclusão social e educacional diante deste cenário, sendo que obviamente não são todas as pessoas participantes das citadas atividades que são excluídas social e educacionalmente, porém as atividades são bastante acessíveis às classes menos favorecidas. Ressalta-se que as atividades mencionadas no transcórper do presente estudo, quando não são gratuitas, possuem valores de inscrição realmente acessíveis para boa parte da população brasileira (não a totalidade, infelizmente, como seria o ideal) e tais atividades são sempre abertas ao público em geral, portanto o trabalho desenvolvido é realmente digno de reconhecimento e maior divulgação.

O autor do presente estudo, conforme citado anteriormente, teve o seu primeiro contato com educação não-formal em tal instituição, sendo que a maioria das atividades fotográficas as quais participou no Sesc São Paulo ocorreu de forma gratuita, sendo que poucas vezes teve de realizar o pagamento de valores simbólicos, tais como R\$ 2,00, R\$ 4,00 ou em dois cursos, de no máximo R\$ 6,00.

Diante deste cenário, como aluno e observador, o autor presenciou a educação não-formal colocada em prática pelo Sesc SP, bem como a inclusão social, haja vista que pessoas de classes menos favorecidas sempre estiveram presentes em diversas das citadas ocasiões, além também da inclusão educacional, pois realmente o conteúdo aprendido e assimilado nas já citadas atividades em fotografia e educação não-formal oferecidas pelo Sesc SP é bastante relevante.

As sugestões são para que cada vez mais, o Sesc São Paulo amplie e evolua a prática da educação não-formal e a consequente inclusão social e educacional – não apenas na área de fotografia – porém, em diversos segmentos; e também amplie a divulgação de tais atividades, principalmente em bairros periféricos, em escolas públicas (e privadas também) etc., visando desta forma, que mais e mais pessoas possam ter acesso às citadas atividades e também sejam incluídas educacional e socialmente. A educação não-formal diante deste contexto possui grande e relevante importância, pois favorece o diálogo e trânsito democráticos e igualitários dos usuários (comerciários ou não) do Sesc SP em distintas e importantes vivências de socialização e formação educacional e cultural.

3.3 Análises, Metodologia e Resultados Alcançados Referentes ao Projeto Voluntário de Ensaio Fotográfico e Oficinas de Ensino e Prática Fotográfica no Assentamento Mário Lago (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra | MST)

Conforme relatado anteriormente, a autora Judivânia Maria Nunes Rodrigues, em seu artigo Retratar-se-retratando: fotografia, arte-educação e processos de trans(formação), ressalta o ponto ao qual a fotografia pode ser considerada um instrumento pedagógico que tem conquistado espaço na educação não-formal por meio de projetos desenvolvidos em comunidades.

Como diria Freire (2005), educando e educando-se uns com os outros para a liberdade, no projeto voluntário fotográfico prezando pela educação não-formal e a consequente inclusão social e educacional, parte dos(as) assentados(as) e acampados(as) do MST teve a oportunidade de conhecer um pouco mais acerca da fotografia e muito além disso, de demonstrar diversos conhecimentos e vivências próprias cotidianas, bem como disseminar novos conhecimentos entre diversas

peças e também a oportunidade de ter mais uma vez acesso à educação autônoma, permanente, livre e aberta.

Conforme citado anteriormente, no âmbito da educação não-formal, o conteúdo e a metodologia são definidos de acordo com as necessidades, contexto e realidade das pessoas envolvidas no processo educacional. O conteúdo e a metodologia utilizados no projeto fotográfico serão demonstrados e explicados a seguir e ressalta-se que tal conteúdo e metodologia foram definidos e realizados, obviamente, de acordo com as necessidades, contexto e realidade das pessoas do Assentamento Mário Lago envolvidas em tal projeto:

O autor do presente estudo e também responsável pelo projeto fotográfico já tinha estado presente diversas vezes no Assentamento, pois também é voluntário em um projeto de Permacultura e Agroecologia chamado Caravana da Luz, desenvolvido por uma ONG chamada Estação Luz Ribeirão, conforme maiores informações já citadas em subtópico anterior. Diante deste contexto, teve a ideia, realizou a concepção, expôs a proposta do projeto fotográfico voluntário e solicitou permissão para colocá-lo em prática para a coordenação local do Assentamento Mário Lago, mais precisamente do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Após a aprovação verbal por parte de tal coordenação, teve início o citado projeto fotográfico.

O responsável pelo projeto comunicou previamente às pessoas presentes sobre tal projeto fotográfico e relatou que após o horário do almoço estaria embaixo de uma grande árvore localizada em frente à sede do Assentamento para melhor apresentação, maiores informações e troca de ideias quanto ao projeto. Após o horário do almoço, várias pessoas do Assentamento estiveram presentes e o fotógrafo responsável pelo projeto passou maiores informações, relatou que o primordial era o olhar de cada um, tanto os pontos positivos quanto os pontos aos quais entendiam que mereciam melhorias no ambiente ao qual viviam e obviamente, tais pessoas estavam inseridas.

O instrutor ressaltou para as pessoas presentes que é de fundamental importância exercitar a experimentação, ou seja, relatou aos presentes que deveriam testar, criar, experimentar mesmo, usar e abusar da criatividade (e até do

senso crítico) na criação de fotografias. Ressaltou também a maneira livre e intuitiva de se criar fotografias, ou seja, disse que é importante ter domínio das ditas técnicas e “regras” da Fotografia, porém também é fundamental o desenvolvimento de uma linguagem única e pessoal, expressando personalidade e opinião (e obviamente, questionando os conceitos ortodoxos do ato de fotografar).

O instrutor também demonstrou os equipamentos que havia levado e que seriam disponibilizados para que pudessem tirar as fotografias, sendo que foram levadas três câmeras digitais (Canon 6D (essa ficou em posse do fotógrafo e responsável pelo projeto), Canon 60D e Canon T3i) e objetivas (lentes) intercambiáveis Canon (75-300mm, 40mm (essa também ficou em posse do fotógrafo e responsável pelo projeto) e 50mm), também uma quarta câmera Canon EOS 500, essa analógica (filmes) e também com objetiva intercambiável Canon (35-80mm), filmes Ilford Preto & Branco 400, além de um tripé profissional para câmeras fotográficas, carregadores de baterias, cartões SD, filtros de proteção para as lentes e materiais específicos para locomoção e limpeza dos equipamentos.

Após esta etapa, o instrutor do projeto demonstrou com um notebook conectado à Internet e um retroprojetor, parte de seu portfólio fotográfico e projetos disponibilizados para visualização pública e *online*, mais precisamente em seu site 500px¹⁴. Em tal demonstração, as fotografias foram obviamente demonstradas e parte delas, especificamente as que despertaram maior interesse por parte das pessoas presentes, foi explicada mais profundamente e com maiores detalhes e contextualizações. A intenção foi realmente que tivessem um primeiro e/ou maior contato com projetos fotográficos e desta forma, que já tivessem um pequeno conhecimento acerca de como são realizados projetos e documentações fotográficas. Houve um grande interesse por parte das pessoas e o primordial é que houve uma considerável e produtiva troca de ideias e difusão de conhecimentos entre as pessoas presentes.

Após a citada demonstração das fotografias, o fotógrafo demonstrou com maiores detalhes os equipamentos disponíveis e algumas de suas funções básicas, tais como luz, ISO, fotômetro, velocidade e demais funcionalidades manuais e automáticas. Feito isso, o instrutor colocou três câmeras no modo automático, haja vista que desta forma as pessoas que nunca tinham tido contato algum com uma

¹⁴ Para ter acesso ao citado 500px, basta clicar no seguinte *link*: https://500px.com/23_samucaabad

câmera fotográfica não teriam grandes problemas em tirar as fotografias, pois foi enfatizado que um dos objetivos do projeto era realmente o olhar de cada pessoa em relação ao seu cotidiano e ambiente a qual estava inserida, independentemente de técnicas e/ou funcionalidades mais aprofundadas da fotografia.

Terminado o horário bastante flexível e informal de almoço, os equipamentos fotográficos foram disponibilizados às pessoas interessadas para que pudessem sair para fotografar pelo Assentamento Mário Lago, sempre emprestando também para demais pessoas que também participariam do projeto. O responsável pelo projeto deixou muito claro que mesmo realizando a sua documentação fotográfica paralelamente e também participando da Caravana da Luz, estaria sempre por perto e disponível para a troca de ideias, tirar possíveis dúvidas e questionamentos, o que de fato ocorreu com bastante frequência durante todos os dias, semanas e meses aos quais o projeto fotográfico foi colocado em prática.

Com o passar do tempo, algumas pessoas demonstraram interesse em conhecer um pouco mais sobre as funcionalidades manuais das câmeras e objetivas (lentes), o que foi devidamente demonstrado pelo autor/instrutor do projeto, sendo que para aquelas pessoas que solicitaram, as câmeras e objetivas foram colocadas em modo manual, porém a maioria das pessoas pelo fato de nunca ter tido contado (ou ter pouco contato) com câmeras fotográficas profissionais e semi-profissionais, permaneceu no modo automático, sem que isso tivesse qualquer possibilidade de “diminuição/inferioridade” quanto ao resultado final das fotografias, pelo contexto anteriormente citado de que um dos objetivos principais do projeto foi justamente o olhar do ambiente ao qual vivem tais pessoas e obviamente, estavam inseridas; independentemente de técnicas e/ou funcionalidades mais aprofundadas da fotografia.

Conforme relatado anteriormente, há discordâncias da autora Maria da Glória Gohn no que tange que a fotografia trata-se de um instrumento artístico, haja vista que a fotografia pode ser vista não como arte e fotógrafos como não sendo artistas. A fotografia pode ser vista e entendida como um meio para se demonstrar o cotidiano, tanto os pontos positivos quanto os pontos negativos, ou seja, como algo que tem a possibilidade de denunciar e demonstrar pontos aos quais o ser humano pode (e deve) refletir e se for o caso, evoluir e alterar o cenário.

A seguir serão demonstradas quatorze fotografias tiradas por assentados(as) e acampados(as) diante do já citado contexto. Ressalta-se que tais fotografias possuem o objetivo de “dar voz” e demonstrar a realidade e parte do cotidiano das pessoas participantes do projeto fotográfico, pois conforme relatado anteriormente, a fotografia tem a possibilidade de demonstrar diversas e distintas formas de olhar e sentir a realidade (tanto os pontos positivos e negativos) a qual se vive e se está inserido(a).



Figura 8. Fotografia tirada por Jeremias, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 9. Fotografia tirada por Fernando Silva, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 10. Fotografia tirada por Wellington Fernandes, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 11. Fotografia tirada por Lucas Garcia, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 12. Fotografia tirada por Daiane Campos, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 13. Fotografia tirada por Daiane Campos, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 14. Fotografia tirada por “Paraguai”, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 15. Fotografia tirada por Leandro, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 16. Fotografia tirada por Ciril “Pássaro”, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 17. Fotografia tirada por Wellington Fernandes, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 18. Fotografia tirada por Desj Zanatta, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 19. Fotografia tirada por Jeremias, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 20. Fotografia tirada por Lucas Rosa, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 21. Fotografia tirada por Sr. João, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.

Apenas a título de ilustração, as três fotografias a seguir demonstram o fotógrafo/instrutor e autor do presente estudo em diferentes momentos durante o projeto voluntário de ensaio fotográfico e oficinas de ensino e prática fotográfica realizadas no Assentamento Mário Lago (MST):



Figura 22. Fotografia tirada por Tatiane Costa, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 23. Fotografia tirada por Pedro Cunha, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.



Figura 24. Fotografia tirada por Paolla Lima, participante das oficinas no Assentamento Mário Lago (MST).

Fonte: Arquivo Pessoal Fotógrafo Samuel Abad, 2015.

Conforme relatado no transcórre do presente estudo, o objetivo central do projeto fotográfico prezando pela educação não-formal e inclusão social e educacional realizado no Assentamento Mário Lago é “dar voz” por meio da fotografia e demonstrar o olhar de cada participante em relação ao seu cotidiano e ambiente ao qual está inserido (independentemente de técnicas e/ou funcionalidades mais aprofundadas da fotografia), sendo que o primordial foi o olhar de cada um, tanto os pontos positivos quanto os pontos aos quais entendem que merecem melhorias no ambiente ao qual vivem e obviamente, estão inseridos. Desta forma, houve a possibilidade por meio da fotografia de retratar a realidade a qual tais participantes estão inseridos e demonstrar os pontos aos quais necessitam ser vistos e revistos pela sociedade e devidamente debatidos, alterados, repensados e evoluídos, tendo como objetivo final uma sociedade mais humana, justa, digna e igualitária.

Analisando as quatorze fotografias anteriormente demonstradas e selecionadas conjuntamente e de acordo com a escolha de cada participante do projeto fotográfico e também de acordo com a premissa de retratar a realidade e parte do cotidiano do Assentamento Mário Lago, o resultado final obtido foi extremamente interessante e revela lindos, sensíveis e críticos olhares do ambiente ao qual estão inseridos, tais como as pessoas, a natureza, os locais, a carência, a pobreza e a ausência e negligência por parte do Estado.

Conforme citado anteriormente, o estudo intitulado Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas, de autoria de Maria da Glória Gohn traz a perspectiva de abordagem da educação não-formal como promotora e incentivadora de mecanismos de inclusão social e educacional. É fundamental que cada vez mais pessoas sejam inseridas educacional e socialmente, seja por qual meio que seja, e especificamente no presente estudo o meio utilizado foi a fotografia, porém conforme já citado, também poderia ter sido através da pintura, monotipia e/ou xilogravura, atendo-se ao contexto das Artes Visuais.

Apenas um breve adendo, em relação ao ponto de vista do Ensino de Artes Visuais, a importância do presente estudo diz respeito que uma das disciplinas (Fotografia e Tecnologias Contemporâneas) inserida em tal ensino e conseqüentemente, estudada e aprofundada na grade curricular neste curso de pós-graduação da UFMG foi, está sendo e será cada vez mais praticada/realizada,

discutida e disseminada por diversas pessoas.

Após finalizado o projeto, houve uma visita ocorrida em agosto de 2015 no Assentamento Mário Lago por parte do instrutor e autor deste estudo para o devido *feedback* e troca de ideias com pessoas participantes, sendo que várias cópias das fotografias selecionadas foram impressas em tamanho 30x40 e doadas a vários(as) assentados(as) e acampados(as).

A etapa posterior do projeto fotográfico trata-se da proposição de exposições fotográficas gratuitas e abertas a toda a comunidade que poderão acontecer no Sesc da cidade de Ribeirão Preto/SP (em fase de contatos preliminares com tal unidade para que isso ocorra) no início ou meio de 2016 e ocorrerão no centro cultural do Assentamento Mário Lago ao final de 2016, após a conclusão da construção deste, contendo as fotografias selecionadas tiradas durante o projeto por todos os participantes e visando que a realidade do Assentamento seja melhor conhecida e debatida pela sociedade. Para tanto, além das citadas exposições fotográficas, a proposta é que também ocorram debates paralelos com os participantes do projeto fotográfico e os visitantes das exposições.

Quanto ao ponto de vista do fotógrafo/instrutor, responsável pelo projeto voluntário e autor deste estudo, foi bastante produtivo ter realizado tal projeto, sendo que houve uma troca contínua de conhecimento prezando pela educação não-formal entre todas as partes envolvidas direta e indiretamente, além de ter ocorrido a inclusão social e educacional. Mais precisamente quanto à inclusão social e educacional (e também cultural) – realizada de maneira intrínseca ao projeto – foi peça fundamental no projeto em questão, haja vista que houve uma troca contínua de conhecimento e vivências entre pessoas do campo e também da área urbana do Brasil e demais países – como Bélgica e Itália – pois também estiveram presentes o intercambista Ciril “Pássaro” e a intercambista Desj Santillo Zanatta, oriundos dos referidos países, respectivamente. Ressalta-se que tanto o Ciril quanto a Desj são amigos do responsável pelo projeto fotográfico e autor do presente estudo e foram convidados por este para conhecer a realidade do Assentamento Mário Lago e participar do citado projeto.

Conforme citado anteriormente, podemos dizer que estamos em constante aprendizado, inseridos de alguma forma em práticas educativas. Freire (1997, p.21) salienta que:

(...) não é possível ser gente sem, desta ou daquela forma, se achar entranhado numa certa prática educativa. E entranhado não é em termos provisórios, mas em termos de vida inteira.

Que o projeto fotográfico realizado de maneira voluntária tenha sido apenas uma sementinha plantada em meio às enormes possibilidades de que ocorram mais projetos voluntários ou remunerados similares ao que foi realizado, independentemente do meio que seja utilizado, que prezem também pela educação não-formal, sempre em conjunto com a educação formal, e que ocorra cada vez mais a inclusão social e educacional não apenas no Assentamento Mário Lago, porém em demais comunidades às quais infelizmente muitas vezes são carentes, têm os seus direitos negligenciados pelo Estado e lamentavelmente, também ocorrem a incompreensão, julgamentos e preconceitos por considerável parte da sociedade (principalmente a classe burguesa). Que realmente este cenário seja revertido, que a realidade seja cada vez mais demonstrada, difundida e debatidas e que a educação não-formal e a inclusão social e educacional sejam também prioridades fundamentais no meio rural/campesino e agreguem cada vez mais pessoas.

Considerações Finais

O presente estudo demonstrou a fotografia nos âmbitos na educação não-formal e inclusão social e educacional, o Sesc São Paulo diante deste contexto e a prática referente a um projeto voluntário de ensaio fotográfico e oficinas de ensino e prática fotográfica no Assentamento Mário Lago, mais precisamente com assentados(as) e acampados(as) do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Para tanto, referenciais teóricos e bibliográficos de autoras e autores – tais como Maria da Glória Gohn, Judivânia Maria Nunes Rodrigues, Paulo Freire, dentre outros devidamente mencionados no transcorrer deste estudo – foram consultados e citados.

Referente ao Brasil, nos últimos anos a educação não-formal vem se notabilizando por proposições de trabalho voltadas para a parcela mais vulnerável econômica e socialmente da população, sendo que algumas de tais proposições são promovidas pelo setor público e demais idealizadas por distintos segmentos oriundos da sociedade civil, sendo que em muitas vezes em parceria com o setor privado, que compreende desde ONG's a instituições que mantêm parcerias com empresas, como é o caso do Sesc São Paulo.

A educação não-formal e a inclusão social e educacional colocadas em prática pelo Sesc São Paulo possuem muitos pontos positivos e merecem ser melhores divulgadas e conseqüentemente, ampliadas e evoluídas. Obviamente que em se tratando de educação não-formal e inclusão social e educacional, o cenário está em constante construção e análises, evoluções e melhorias devem ser contínuas.

Quanto ao projeto voluntário colocado em prática no Assentamento Mário Lago com acampados(as) e assentados(as) do MST, os resultados foram demonstrados no transcorrer do presente estudo. É de extrema importância que cada vez ocorram iniciativas que prezem pela educação não-formal e conseqüentemente, pela inclusão social e educacional. Que tal projeto sirva para que isso ocorra com maior frequência, com resultados positivos cada vez mais efetivos e que agreguem cada vez mais pessoas de diversos meios, classes sociais, orientações políticas etc., ocorrendo desta forma cada vez maior respeito com as diferenças, que são inerentes e bastante benéficas ao ser humano.

Em suma, ao longo deste estudo a educação não-formal foi colocada em pauta, bem como a inclusão social e educacional e a fotografia diante deste contexto. Que cada vez mais as pessoas sejam autônomas e protagonistas de suas educações de forma livre, aberta, sem opressão e várias e desnecessárias burocracias.

REFERÊNCIAS

COELHO, Luis; AZEVEDO, Patrícia; BAPTISTA, Paulo. *Fotografia e Tecnologias Contemporâneas*: Introdução ao estudo das técnicas e da estética da fotografia e de sua relação com o ensino da arte. In: Curso de Especialização em ensino de artes visuais 2 / Lúcia Gouvêa Pimentel (Organizadora). Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, p. 17-41, 2009.

Florian, L. (1998). Inclusive practice: what, why and how? In C. Tilstone, L. Florian, & R. Rose (Eds.), *Promoting inclusive practice* (pp. 13-26). London: Routledge.

FREIRE, Paulo. *Educação e política*. 3ªed. São Paulo: Cortez, 1997. p.21.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 40ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *Educação e política*. 3ªed. São Paulo: Cortez, 1997. p.16-23.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: aval.pol.públ.Educ. [online]. 2006, vol.14, n.50, pp. 27-38. ISSN 0104-4036.

Pinto, L. (2005). *Cadernos d'inducar. Sobre Educação Não-formal*.

Pinto, L. (2007). *Educação Não-formal. Um contributo para a compreensão do conceito e das práticas em Portugal.*

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. Programa integrado de desenvolvimento infantil/PIDI. São Paulo, Administração Regional no Estado de São Paulo, 1985. Apostila.

Sites/Endereços Eletrônicos Pesquisados/Consultados

<https://centrodepesquisaformacao.sescsp.org.br/atividade/educacao-nao-formal-como-acontecimento> <Acesso em 02/11/2015 às 17h06m>.

<https://centrodepesquisaformacao.sescsp.org.br/atividade/educacao-nao-formal-e-animacao-sociocultural> <Acesso em 03/11/2015 às 15h08m>.

<http://www.clubefoto.com.br/v1/?p=34> <Acesso em 28/09/2014 às 05h32m>.

<http://www.guaranoticias.com.br/noticias/ler/id/11790/sesc-completa-66-anos-e-apresenta-nova-marca> <Acesso em 14/09/2015 às 21h02m>.

<http://www.jamesnachtwey.com/> <Acesso em 18/06/2015 às 14h09m>.

http://www.mast.br/multimidias/encontro_internacional_de_educacao_nao_formal_e_formacao_de_professores/pdfscomunic/ResumoEstendido_Judivania_Maria_Rodrigues.pdf <Acesso em 11/06/2015 às 09h14m>.

http://www.sesc.com.br/portal/sesc/o_sesc/nossa_historia/ <Acesso em 12/09/2015 às 15h08m>.

<http://www.tecmundo.com.br/fotografia-e-design/60982-175-anos-fotografia-conheca-historia-dessa-forma-arte.htm> <Acesso em 05/10/2015 às 20h21m>.

http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/618_CIRCULACAO+DE+INFORMACOES+NA+INTERNET <Acesso em 27/12/2015 às 03h02m>.

<http://www.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/quem-somos/> <Acesso em 13/09/2015 às 23h05m>.

<http://portal.aprendiz.uol.com.br/content/deshewepop.mmp> <Acesso em 26/09/2014 às 09h05m>.

<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5299/1/Um%20olhar%20sobre%20a%20Inclus%C3%A3o.pdf> <Acesso em 27/09/2014 às 23h14m>.

<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43481/47103> <Acesso em 28/09/2015 às 11h12m>.

<http://terradedireitos.org.br/> <Acesso em 19/11/2015 às 13h10m>.

http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/ju367pag12.pdf <Acesso em 19/06/2015 às 13h10m>.

<http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/curumim.PDF> <Acesso em 05/11/2015 às 22h01m>.

https://500px.com/23_samucaabad <Acesso em 07/11/2015 às 15h08/m>.

ANEXOS

ANEXO A | Ensaio Fotográfico Realizado Pelo Autor do Presente Estudo

A seguir será demonstrado o ensaio fotográfico¹⁵, contendo doze fotografias, realizado pelo fotógrafo/instrutor e autor do presente estudo diante do contexto descrito no transcorrer deste estudo:



Figura 25. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST).
Fonte: Site 500px Samuel Abad, 2015.



Figura 26. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST).
Fonte: Site 500px Samuel Abad, 2015.

¹⁵ Para ter acesso às demais fotografias tiradas no Assentamento Mário Lago pelo autor do presente estudo, basta clicar no seguinte *link* de seu 500px: https://500px.com/23_samucaabad



Figura 27. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST).
Fonte: Site 500px Samuel Abad, 2015.



Figura 28. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST).
Fonte: Site 500px Samuel Abad, 2015.



Figura 29. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST).
Fonte: Site 500px Samuel Abad, 2015.



Figura 30. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST).
Fonte: Site 500px Samuel Abad, 2015.



Figura 31. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST).
Fonte: Site 500px Samuel Abad, 2015.



Figura 32. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST).
Fonte: Site 500px Samuel Abad, 2015.



Figura 33. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST).
Fonte: Site 500px Samuel Abad, 2015.



Figura 34. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST).
Fonte: Site 500px Samuel Abad, 2015.



Figura 35. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST).
Fonte: Site 500px Samuel Abad, 2015.



Figura 36. Fotografia do fotógrafo Samuel Abad tirada no Assentamento Mário Lago (MST).
Fonte: Site 500px Samuel Abad, 2015.

ANEXO B | Ementa das Oficinas Fotográficas Ocorridas no Assentamento Mário Lago (MST)

Antes de demonstrar a citada ementa, o autor do presente estudo ressalta que para ensinar/lecionar Fotografia, primeiramente o mesmo entende que é de fundamental importância exercitar a experimentação em quem está aprendendo, ou seja, relatar aos aprendizes/alunos(as) que devem testar, criar, experimentar mesmo, usar e abusar da criatividade (e até do senso crítico) na criação de fotografias. É interessante ressaltar aos alunos e alunas, a maneira livre e intuitiva de se criar fotografias, ou seja, é importante ter domínio das ditas técnicas e “regras” da Fotografia, porém também é fundamental o desenvolvimento de uma linguagem única e pessoal, expressando personalidade e opinião (e obviamente, questionando os conceitos ortodoxos do ato de fotografar).

Demonstrar os equipamentos e materiais que devem ser utilizados também, obviamente, possui grande importância, bem como deixar claro que os(as) alunos(as) podem e devem inovar e testar/experimentar novos procedimentos continuamente. Ressalta-se que a demonstração de referências teóricas e práticas relacionadas à Fotografia também é de grande importância.

Colocadas tais questões, segue a ementa das oficinas fotográficas no ocorridas no Assentamento Mário Lago:

Objetivo das Oficinas

O objetivo central do projeto fotográfico prezando pela educação não-formal e inclusão social e educacional realizado no Assentamento Mário Lago é “dar voz” por meio da fotografia e demonstrar o olhar de cada participante em relação ao seu cotidiano e ambiente ao qual está inserido (independentemente de técnicas e/ou funcionalidades mais aprofundadas da fotografia), sendo que o primordial é o olhar de cada um, tanto os pontos positivos quanto os pontos aos quais entendem que merecem melhorias no ambiente ao qual vivem e obviamente, estão inseridos.

Em tal projeto fotográfico, parte dos(as) assentados(as) e acampados(as) do MST terá a oportunidade de conhecer um pouco mais acerca da fotografia e muito

além disso, de demonstrar diversos conhecimentos e vivências próprias cotidianas, bem como disseminar novos conhecimentos entre diversas pessoas e também a oportunidade de ter mais uma vez acesso à educação autônoma, permanente, livre e aberta.

Metodologia

No âmbito da educação não-formal, o conteúdo e a metodologia são definidos de acordo com as necessidades, contexto e realidade das pessoas envolvidas no processo educacional. O conteúdo e a metodologia utilizados no projeto fotográfico no Assentamento Mário Lago foram demonstrados e explicados no transcorrer do presente estudo e ressalta-se que tal conteúdo e metodologia foram definidos e realizados, obviamente, de acordo com as necessidades, contexto e realidade das pessoas do citado Assentamento envolvidas no projeto.

Em suma, é de grande importância ressaltar que uma ementa não deve ser “engessada” e conseqüentemente inflexível, muito pelo contrário, pode e deve ser flexível e revista continuamente, inclusive durante o transcorrer das aulas e projetos. Desta forma, a troca de conhecimento entre docente/educador e discentes/educandos tende a ser contínua, bem como o projeto terá mais dinamicidade, fazendo com que o aprendizado e objetivo(s) proposto(s) seja(m) devidamente alcançado(s).